 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 019. Antropologia dos estudos de folclore e cultura popular: imagem, corpo, ritual e performance.

Oswaldo Giovannini Junior (Universidade Federal da Paraíba) - Coordenador/a, Daniel Bitter (UFF) - Coordenador/a, Nilton Silva dos Santos (Universidade Federal Fluminense) - Debatedor/a, Léa Freitas Perez (Ufmg) - Debatedor/a) Na hist?ria da antropologia brasileira, os estudos em torno das culturas populares ou folclore tiveram destaque, desenvolvendo um campo de pesquisa com especificidade epistemol?gica e metodol?gica. Este GT prop?e retomar esta tem?tica, valorizando trabalhos etnogr?ficos com especial aten??o aos processos de constru??o do corpo, das imagens e do espa?o em di?logo com a antropologia simb?lica e dos rituais. Corpos e paisagens constituem o locus de realiza??o concreta das festas, das sociedades e das culturas, assim como tamb?m as condicionam. Seu registro imag?tico est? presente nos estudos e express?es da cultura brasileira e ? usado como recurso metodol?gico para a elabora??o do conhecimento etnogr?fico. A proposta destaca 3 eixos de investiga??o etnogr?fica e te?rica: 1- na dire??o de uma antropologia dos estudos de folclore, focalizando as categorias, valores e pr?ticas dos pr?prios atores que constitu?ram o campo; 2- no sentido do estudo de festividades, ritos e celebra?es sob novos enquadramentos te?rico-metodol?gicos de uma antropologia simb?lica e/ou de rituais, da performance, da perspectiva da corporeidade e da antropologia da paisagem; 3- referente ?s rela?es metodol?gicas e epistemol?gicas nas fronteiras da antropologia e das artes visuais, sonoras, imag?ticas, c?nicas. O GT pretende reunir pesquisas que valorizem as especificidades do campo de estudos da cultura popular em suas diversas dimens?es e conex?es com fen?menos contempor?neos da vida social.

Despir-se do mundo, vestir-se para o ?santo?: aspectos da liminaridade e da performance no Batuque sul-riograndense

Autoria: Carina Monteiro Dias, Rafael José dos Santos

O Batuque constituiu-se historicamente como a variante dos cultos afro-brasileiros predominante no Rio Grande do Sul, abrangendo parte de Santa Catarina e Paraná, estendendo-se também para algumas regiões de países platinos. Seus preceitos são repassados por meio da aprendizagem multissensorial, que envolve a oralidade, a repetição mnemônica da gestualidade, os modos de vestir-se e de lidar com as comidas sagradas e também por prescrições de cunho moral e ético nas preleções do sacerdote. A partir de uma etnografia em andamento em uma casa de Batuque, o Ilê Kabinda Kamuká Tubadê, situado na cidade de São Leopoldo/RS, focaliza-se, em particular, os trânsitos dos sujeitos entre os momentos sagrados e profanos, trânsitos de onde emergem uma multiplicidade de aspectos relacionados ao estar ?dentro? e ?fora? do contexto religioso. Ao escutar as falas de alguns neófitos a respeito de suas atividades profanas, chama nossa atenção um posicionamento contrário ao discurso religioso e aos preceitos morais afirmados dentro do terreiro, em particular os discursos sobre a valorização da vida humana por sujeitos ligados às profissões no âmbito da Segurança Pública. A questão que emerge, então, é a de como esses sujeitos que se tornam praticantes do Batuque, transitam na fronteira entre dois estados de existência: o de seu convívio social e o religioso, ambos repletos de convenções e dinâmicas variadas. Com o aporte teórico de Turner no que se refere à performance e liminaridade e por meio dos relatos obtidos no work etnográfico, objetiva-se refletir sobre como se dá o processo de transição do sujeito, do ?cotidiano? para o ?sagrado? e, nesta transição, as falas que, em princípio, aparecem como contraditórias. O vestir-se para o ?santo? delimita uma transição a uma situação marcada por uma sequencia de performances rituais, mas também a assunção de um discurso indissociável do tempo/espaço religioso, assim como o despir-se envolve não só o retorno ao tempo/espaço

 ISBN: 978-85-87942-61-6

> profano, mas também a um universo de valores morais que permaneceu suspenso, mas não desapareceu. Uma das indagações que acompanha a etnografia diz respeito às possibilidades de interpretar a aparente contradição como ambiguidade, como elementos que são colocados e retirados de cena pelos sujeitos de modo igualmente performático através dos discursos. Trata-se, portanto, não de entrada e saída de situações rituais performáticas, mas, antes, de uma multiplicidade de situações de performances que envolvem tanto a liminaridade como o contexto cotidiano.

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**